

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Jaime Cortesão  
*A Morte da Águia*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Jaime Cortesão

## *A Morte da Águia*

---

Publicado originalmente em 1910.

**Jaime Zuzarte Cortesão  
(1884 – 1960)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 408**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Jaime Cortesão “*A Morte da Águia*”.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

Jaime Cortesão nasceu no dia 29 de abril de 1884. Faleceu na cidade de Lisboa, em 14 de agosto de 19601.

Estudou no Porto, em Coimbra e em Lisboa, vindo a formar-se em Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra em 1909. Lecionou no Porto de 1911 a 1915, quando foi eleito deputado por aquela cidade. Em plena Primeira Guerra Mundial defendeu a participação do país no conflito, tendo participado como voluntário do Corpo Expedicionário Português, no posto de capitão-médico, tendo publicado as memórias dessa experiência.

Fundou, com Leonardo Coimbra e outros intelectuais, em 1907 a revista *Nova Silva: revista ilustrada*. Em 1910, com Teixeira de Pascoaes, colaborou na fundação da revista *A Águia*, e, em 1912 iniciou *Renascença Portuguesa*, que publicava o boletim *A Vida Portuguesa*. Teve igualmente colaboração nas revistas *Atlantida* (1915-1920), *Ilustração* (1926-), *Ilustração portuguesa* (1903-1924) e na revista *Serões* (1901-1911). Em 1919 foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional de Portugal e a 28 de Junho desse ano foi feito Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada. Em 1921, abandonando a *Renascença Portuguesa*, foi um dos fundadores da revista *Seara Nova*.

Participou numa tentativa de derrube da ditadura militar portuguesa, presidindo a Junta Revolucionária estabelecida no Porto. Por esse motivo foi demitido de seu cargo na Biblioteca Nacional de Lisboa (1927), vindo a exilar-se em França, de onde saiu em 1940, quando da invasão daquele país pelas forças da Alemanha Nazi no contexto da Segunda Guerra Mundial. Dirigiu-se para o Brasil através de Portugal, onde esteve detido por um curto espaço de tempo. Aqui, fixou-se no Rio de Janeiro, dedicando-se ao ensino universitário, especializando-se na história dos Descobrimentos Portugueses (de que resultou a publicação da obra homônima) e na formação territorial do Brasil. Em 1952, organizou a Exposição Histórica de São Paulo, para comemorar o 4º centenário da fundação da cidade.

Regressou a Portugal em 1957. Envolvendo-se na campanha de Humberto Delgado, foi preso por 4 dias com Antônio Sérgio, Vieira de Almeida e Azevedo Gomes em 1958, ano em que veio a ser eleito presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores. A 30 de junho de 1980 foi feito grande-oficial da Ordem da Liberdade e a 3 de julho de 1987 foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, ambas a título póstumo.

# ÍNDICE

CANTO I: O DESPERTAR DE UM DEUS.....	1
CANTO II: HINO à MONTANHA.....	3
CANTO III: A ÁRVORE TRÁGICA.....	7
CANTO IV: A VIDA HERÓICA.....	12
CANTO V: O CANTO DAS ÁGUIAS.....	14
CANTO VI: A TEMPESTADE.....	16

# A MORTE DA ÁGUIA

## CANTO I: O DESPERTAR DE UM DEUS

O despertar de um deus  
Nasceu a Águia na Montanha.  
O ninho foi hórrida brenha  
Numa caverna exposta aos ventos,  
— Hirta e petrificada boca,  
Por onde uma Sibila de voz rouca  
Prediz ao Mundo os novos sofrimentos. —

Átrio do Céu, assenta numa rocha,  
Que arranca da Montanha e desabrocha  
Como uma flor em plena imensidade;  
Do pétreo cálix, das entranhas virgens,  
Sai um perfume tal, que dá vertigens,  
Que a flor tem por aroma a Tempestade.

Nicho de catedral, abandonado,  
E penhascoso baldaquino armado,  
Sem que um pobre santinho ali se acoite;  
Ou donde foge algum ligeiro santo  
Tentado pelo Céu, e voa tanto  
Que só recolhe lá por alta noite.

Átrio do Céu, pra que entre e saia o Dia;  
É lá que a Aurora se atavia  
Para mostrar ao Mundo o claro rosto;  
Átrio do Azul que a Madrugada escolhe,  
Também ali se acolhe  
O derradeiro raio do Sol-posto.

De tão alto, sublime, etéreo assento,  
Com que arrebatamento  
O olhar agudo se estendia ao largo:  
Píncaros, vales, azulados montes...  
Líquidos horizontes . . .  
O volutuoso abraço do Mar-largo ...!

Mal a Águia nasceu,  
Fitou logo a Montanha, o Mar e o Céu:  
Primeiro olhar, e de tal modo intenso

Que nunca o seu profundo coração  
Sentiu Desejo, Dor, ou Comoção,  
Que envergonhasse aquele espaço imenso.

Olhar d'um deus que acorda  
De triste e humano sonho, e que recorda  
A sua gloriosa, eterna Vida,  
E ao ver sua divina Criação,  
Dentro de si retine a comoção  
De toda a imensidade comovida.

Abismos, onde as cataratas soam,  
Vales e montes, Mar, nuvens que voam,  
Ninguém vosso desejo imenso acalma;  
Nenhum de vós, erguendo a mesma prece,  
A si mesmo ou aos outros se conhece :  
Só os deuses entendem a voss'alma.

Águia divina, que entendeste o Mundo,  
Tu viste como o Céu era profundo  
E o Mar inesgotável,  
Que tudo é Vida e toda a vida é Luta,  
E, que arrancando a cada coisa viva  
Sua virtude e espírito indomável,

Em ti reuniste as forças mais estranhas,  
Tal a firmeza duma rocha bruta,  
A vontade tenaz d'arvore altiva,  
O arranco vitorioso das montanhas  
E o ímpeto dum rio ou dum Vulcão.

Ah! quando o abismo mais era insondável,  
Mais teu Desejo tinha de aflição,  
Te erguia o vôo, te crispava a garra  
Num supremo transporte;  
Como um navio que ao soltar da amarra  
Toma o rumo da Morte,  
Vira a robusta proa à imensidade  
E larga toda a vela à Tempestade,  
A quantos ventos ha do Sul ao Norte,  
Para que ao menos roto, espedaçado,  
Algum destroço, inda animado  
Daquele anseio etéreo,

Vá sobre as águas a boiar,  
E enfim possa aportar  
Às praias do Oceano do Mistério!

## CANTO II: HINO à MONTANHA

Ai! a Montanha! que sublime esforço  
Lhe agita o formidável dorso  
E faz que altíssima se eleve,  
Rasgando a toda altura o horizonte,  
Té que lhe cinja a majestosa fronte  
Um diadema puríssimo de neve!

As cúpulas, as grimpas arrojadas,  
Flechas iguais às línguas das espadas,  
Aguilhas, obeliscos, coruchéus  
Vestiram-se de nítidas alvuras  
E sequiosos das alturas  
Foram beijar os Céus.

Montanha, arrepiada fera hirsuta,  
Inda raivosa duma antiga luta,  
Tu sufocaste, derradeiro grito,  
E tu petrificaste, gesto horrendo  
Da Terra toda em fogo percorrendo  
As frígidas stepas do Infinito.

Passaram anos, séculos, idades,  
E sempre chuvas, neves, tempestades,  
Granizos, avalanches, cataclismos  
Foram aqui rasgando, abrindo brechas,  
Ali erguendo pontes e altas flechas  
E aqui, ali, além cavando abismos.

Assim a Terra, a Água, o Fogo, os Ventos,  
Todos os bravos elementos,  
Com o cinzel e o estro da loucura  
Deram-lhe o rasgo, a inspiração suprema,  
O ritmo d'um bárbaro poema  
Ou duma desvairada arquitetura.  
Ah!... quem de perto visse e penetrasse  
O atônito fulgor da pétrea face,  
Que horrída lava como o sangue tinge... ?!

Quem ouvisse pulsar-lhe o coração,  
Soubesse que sublime comoção  
Perturba o seio da calada esfinge...?!

Eu quando pouso o pé sobre a Montanha  
E avisto o Céu e o Mar de erguida penha,  
De súbito estremeço,  
Fico mudo de espanto, empalideço  
E logo grito, canto, choro e rio,  
Tremo como se um vento me abalasse,  
Ou a Montanha à volta me enviasse  
O seu calafriante desvario.

Às vezes no caótico tumulto  
Dos acidentes da Montanha  
Algum arranca o vulto,  
Projeta a sombra estranha  
Na fauce do Infinito. Em torno a noite escura;  
Só o relâmpago fulgura  
No torvo Céu, onde não brilham astros;  
E um navio — fantasma, a todo o pano,  
Varrido pelo vento e pelo Oceano,  
Por velas nuvens, píncaros por mastros,  
Corre pelo Mar-fora, alucinado,

E naufraga por fim desarvorado  
Nalgum abismo ignoto!  
Ou formidável catedral  
Baqueia, treme, abate-se afinal  
Nas torvas convulsões dum Terremoto!

Toda a Montanha oscila de furor  
Quando, como colérico fulgor  
Da pupila do Céu,  
Algum relâmpago ilumina o espaço,  
Que o raio atravessa-lhe o espinhaço  
Como um agudo arpéu.  
E nessa luz lívida e fria  
O leviatã enorme ondula,  
E numa hórrida agonia  
Tem calafrios na medula!

Visionam-se batalhas

Sobre ciclópicas muralhas  
Entre hipógrifos e dragões;  
Ou nos inóspitos Calvários  
Rochedos —Nazarenos solitários,  
Agonizam em rudes contorções.

Ha rochas ajoelhadas,  
Religiosamente concentradas  
Á beira das encostas;  
Rochedos ogivais  
Imploram de mãos postas;  
Pungentísimos ais,  
Dilacerados gritos  
Sam os agudos coruchéus;  
E os abismos voltados para os Céus  
Estão erguendo a alma aos infinitos.  
Os áridos granitos,  
Rudes fragas, plutônicas, curvadas  
No seu fervor de humildes consciências,  
Com seus cilícios d'urzes requeimadas,  
Estão cumprindo duras penitencias.

Sonhos de Deus, esboços do Sublime,  
Formas da primitiva criação!  
Continuamente vos oprime  
A dor da imperfeição!

Montanha! é tão profunda a tua dor,  
Tão grande o teu impulso redentor,  
O anseio de beleza em que te abrasas,

Que cada pesadíssimo rochedo,  
Inabalável, taciturno e quedo  
Tenta bater as asas!

E tudo se debate e tumultua  
Com um tremendo esforço sobre-humano  
Nessa petrificada Babilônia:  
És a carne sangrenta, rocha nua,  
O teu sossego — um revolver insano,  
O teu silencio — uma contínua insônia.

Resto do Caos primitivo,  
Encapelado Oceano

De tudo o que ha tragicamente vivo!  
Ali — talvez a forja de Vulcano  
Onde é batido o raio fulgurante;  
Ali — talvez o pórtico do Inferno,  
Onde o gênio de Dante  
Foi esculpir o desengano eterno.

Ali se desagregam duras fráguas,  
Roídas pelas águas  
De persistente força corrosiva;  
Mas neves, águas, rochas das alturas

Jamais olvidaram pelas planuras  
A ânsia primitiva.

A rocha que se funde e se derrama  
Em terra, sedimento, escura lama  
Vai da raiz à flor desabrochar,  
E as águas que desceram das pendentes  
Foram quedas, ribeiros e torrentes,  
Por fim ondas altíssimas do Mar!

Ali, enquanto não assola a Terra,  
Nas gargantas da serra  
Ensaia a Tempestade os grandes coros ;  
E sobre os píncaros agrestes,  
Vagabundos celestes,  
Vão descansar enfim os meteoros!

Ali — tudo o que é grande, forte, altivo:  
A Águia pousa, a nuvem pára,  
O ar é puro e vivo  
O Céu é mais profundo e a luz mais clara!  
Cariátide do Céu, Atlas gigante,  
Alto e rude colosso de granito!

Que heroísmos, que assombros  
Levantam a nossa alma delirante,  
Ao ver que degladias o Infinito  
E vem o Céu pousar-te sobre os ombros!

Às vezes ilumina-se o teu dorso  
No gesto transcendente da verdade,  
Gesto que ensina a religião do esforço

E aponta para um Céu de Liberdade!

Heróis! ungi as almas de beleza  
E erguei dali na luz e na grandeza  
Destroços feitos por um deus cruel:  
Os broqueis dos ciclopes revoltados,  
Armas partidas d'anjos despenhados  
E as ruínas da torre de Babel!

### **CANTO III: A ÁRVORE TRÁGICA**

No píncaro mais alto da Montanha  
A Árvore crescera de tal sorte,  
Como nunca se viu serra tamanha,  
Nem crescer outra Árvore mais forte.

Ali, dessa Montanha erguida a prumo,  
Onde o frescor da Vida era tão escasso,  
A Tempestade decidia o rumo  
E as águias abalavam pelo espaço.

Longe das mais e livre do escarcéu,  
Que uma floresta murmura produz,  
A Árvore embebia-se no Céu,  
Afogava-se toda em plena luz.

Isolada no agreste e duro serro,  
Tendo por cima o Céu, por baixo o abismo,  
Era como os profetas no desterro  
Abrasados de fé e misticismo.

Tinha o tronco torcido como um dorso,  
Cada forte raiz, um duro flanco;  
Toda vibrante dum heróico esforço,  
Toda agitada dum supremo arranco.

Cada torcido ramo, longo braço,  
Erguia-se convulso para o alto,  
Como quem tenta erguer-se pelo espaço  
Ou tomar um reduto pelo assalto.

Assim, desde a raiz ao fino tope,  
Brandido como a língua duma espada,

Havia o salto heróico dum ciclope,  
Que vai tomar o Céu pela escalada.

Nos ramos tinha roscas reluzentes,  
Altas arrancas a silvar injúrias;  
Lembrava a copa, a trança de serpentes  
— A cabeleira trágica das Fúrias —.

Folhas bebendo a luz a grandes sorvos  
Pela taça do Céu a trasbordar,  
Tão negras, tão inquietas, como os corvos,  
Quando pairam com fome sobre o ar.

Via-se o Sol a dar-lhe repelões,  
A Terra a conservá-la inda mais presa,  
Penetrava d'angustia os corações,  
Chegava a ser sinistra de grandeza;

Assim, alguém que foi sepulto em vida,  
A meio corpo fora, se corcova  
E põe a força toda na saída,  
Louco por se arrancar à horrível cova!

De noite projetava a sombra escura  
Em plena fauce lóbrega do Empíreo;  
E viam-se-lhe gestos de loucura,  
Ouviam-se-lhe falas de delírio.

E, quando nessa abobada pelágica  
Galopavam os ventos infinitos,  
Aquela desvairada árvore trágica  
Alucinada, alegre, dava gritos.

Se, na celeste, na profunda esfera,  
Erguendo os braços hirtos como os mastros,  
Caía a noite, vinha a Primavera,  
Vestindo-a toda com as flores dos astros.

E toucada de sois ela ajoelhava,  
Sacerdote do Azul, árabe crente,  
Naquela torre audaz, feita de lava,  
Abrindo os braços para a luz do Oriente.

Falas ardentes dos heróis de Homero

E tu, oh! alma trágica de Esquilo,  
Para que possa interrogá-la, quero  
O vosso poderoso e claro estilo...!

“Hércules vegetal, em que façanha  
E temerária empresa te empenhaste,  
Que ao píncaro mais alto da Montanha  
O teu robusto corpo abalançaste...?!”

“Que hidra, que monstro, ou Onfale te eleva,  
Te obriga a suportar todo o pavor  
E desolada solidão da treva,  
Que raiva, que desejo, ou que furor... ?!”

“Ou seja que, até nós, venham contigo  
Novas tormentas, novo Adamastor... ?!  
E que em silencio sofras o castigo  
De rebeldia e desvairado amor...?!”

“Suspendei por momento a fúria louca  
(Se me podeis ouvir e se falais)  
Tornai mais branda a endurecida boca,  
Abri os rudes lábios vegetais.”

“E olhai, que tendo forma e corpo vário,  
Podemos ser irmãos pelo tormento :  
Eu, como vós, sou duro e solitário  
Arrosto o frio, o raio, a noite e o vento.”

Então (ainda tremo de contá-lo)  
Torceu-se mais na trágica atitude,  
Correu-a toda um temeroso abalo,  
Mais alto ergueu ainda o corpo rude,

E, abrindo os braços rígidos em cruz,  
Falou; e a sua clara voz dizia :

“Eu sou a crente mística da Luz  
Eternamente ansiosa pelo Dia.”

“Nasci do mais informe e escuro lodo;  
Mas, ponha o Sol em mim beijos felizes,  
Estremece-me e vibra o corpo todo  
Até ao mais profundo das raízes.”

“Posto que viva na mais alta serra,  
E certo que nasci do lodo vil;  
É sempre pela estreita — a larga Terra,  
Dura grilheta — a rocha do alcantil.”

“Não ha robusto tronco por altivo  
Que a cúspide mais livre se arrojasse,  
Mas quanto mais a Vida intensa vivo,  
Tanto deparo a Morte face a face.”

“Oh! que aflição, que horror, ficar sozinho,  
Todo afogado em treva pela noite,  
Enquanto o vento passa em redemoinho,  
Despedaçando em mim o aéreo açoite...!”

“Os meus irmãos do bosque, se anoitece,  
Buscam-se com a longa ramaria,  
Povo que pelo tato se conhece,  
E fazem uns aos outros companhia.”

“ Mas eu, se a noite cai, tremo de medo;  
E como só em pedras duras toco,  
Começo a empedernir, volto a rochedo,  
Fico-me inerte e solitário bloco.”

“Só quando rompe o Sol de madrugada  
De novo corre em mim a seiva quente  
E o tronco, feito pedra regelada,  
Ressurge carnação adolescente.”

“E eu que do claro Sol e da Luz vivo,  
Alargo a imensa copa em plena graça,  
Sôfrego bebo a luz, alegre e altivo,  
Sou único a beber na minha taça.”

“Sim, escolhi o píncaro mais alto,  
Enraizei-me, quieta e recolhida;  
E quanto mais me afundo, mais me exalto,  
Mais em mim bate o coração da Vida.”

“Aqui trazem mais ímpeto as rajadas,  
Mais pode o raio rápido ferir-me;  
Não vem cantar-me as aves nas ramadas

E as trepadeiras tremem de florir-me;”

“Sou por duros trabalhos combatida  
Desta Montanha na elevada aresta,  
Mas vale mais uma hora desta Vida  
Que toda a vossa vida da Floresta.”

“Que brilhe o raio e sopra o vento forte...  
Mais o meu livre coração se expande;  
Quanto mais perto da fecunda Morte,  
Tanto mais sinto como a Vida é grande.”

“Mais luz!... que o meu espírito veloz  
Vôo mais livre e mais sublime ensaia;  
Sou como um rio que não tenha foz,  
Como um Oceano que não tenha praia.”

“Mais luz!... Eu sonho, eu sinto para além  
Uma outra Vida superior à minha :  
Formas, espíritos, visões...? Alguém  
Que num País mais lúcido caminha.

“Ha outra, inda mais Vida. Eu bem na sinto,  
E tão real que quase me incomoda,  
Estendo as mãos, pergunto por instinto:  
“Quem fala, quem palpita à minha roda ?”

“Desejo é já princípio d'outra Vida,  
O Tempo — uma cegueira da Matéria...  
Vou ser a Luz, a Alma comovida,  
Espírito, Princípio, Essência etérea!...”

“Ardo, deliro, anseio!... Luz enfim!...  
Sam labaredas os meus ramos nus;  
Ha fogo a crepitar dentro de mim...  
Pairo, alumio e vejo,... Sou a Luz!...”

Disse. Vi ondular-lhe a copa a prumo;  
Figurou atirar-se a um precipício;  
Súbito ardeu, foi chama, depois fumo,  
A névoa espiritual dum sacrifício.

Eu fiquei só e mudo sobre o cume,  
Que erguia a fronte solitária e rasa,

E, como a pedra d'ara, onde houve lume,  
Senti toda a Montanha ainda em brasa.

#### **CANTO IV: A VIDA HERÓICA**

A Águia — o gênio das montanhas —  
Ardia numa febre de heroísmos;  
Brotara-lhe das férvidas entranhas,  
Era o grito de angústia dos abismos.

la pousar nas cristas alterosas  
Com atitudes majestosas  
Duma estátua em soberbos pedestais;  
E quando as azas negras se alargavam  
As remiges agudas faiscavam,  
Para fender o ar como punhais.

Que heróica aparição,  
Quando surgia vigorosa, ardente,  
Na cúspide do monte!  
Despedia de si o súbito clarão  
Dos astros no Oriente,  
Quando rasgam as brumas do horizonte;

Ave de preza,  
Que fila e que arrebatava  
Com verdadeiro amor ao perigo;  
Duma estirpe real que adora a luta acesa:  
Tem júbilos cruéis enquanto mata,  
Canta sobre o cadáver do inimigo.

Palpita-lhe no rude e altivo porte,  
Todo talhado em formas duras,  
A energia suprema duma raça;  
Brilham-lhe as penas rígidas e escuras,  
Envolvendo-lhe o peito alto e forte  
Numa ardente couraça.

Salta-lhe o coração no vasto peito,  
Cárcere estreito  
Pra tão indômito pulsar,

Indo de encontro ao rígido broquel,

Como numa caverna o irado tropel  
Dos vagalhões do Mar.

Se via as outras Águias na amplidão,  
Sulcando todo o Céu num vôo forte,  
Cheio de majestade e de harmonia,  
Pulava-lhe de fúria o coração,  
E atirava num súbito transporte  
Arrebatados gritos de alegria.

Um desejo sem fim, um contínuo transporte  
Lhe dilatava o coração;  
Na sua veemente exaltação  
Desafiava com desprezo a Morte.

Vivia a Vida trágica e profunda.

Heróica, aventureira, vagabunda,  
Rasgando sempre espaços novos,  
E ignorando as fronteiras  
Que dividem os povos,  
Percorreu as longínquas cordilheiras,  
Atravessou o Mar e os Céus distantes,

Lançando em cada serra  
Os seus gritos de guerra  
Bárbaros, percucientes, terebrantes.

Carne que a chama fulgida consome,  
Quando sentia a fome,  
Partia das altíssimas arestas,  
Abria as asas sobre a rocha escassa  
E, corsário do Azul, partia à caça  
Dos animais bravios das florestas.

Se via a presa, os seus instintos  
Erguiam-se coléricos, famintos,  
E despedia lume pelo olhar;  
E com os olhos fitos sobre a presa  
A devorá-la co a pupila acesa  
Descia de vagar.

Mas ei-la que se arroja de repente,  
Vertiginosamente,

Rangendo o bico pontiagudo;

E cai co as asas encolhidas  
E as garras estendidas,  
Fendendo, abrindo o ar num silvo agudo.

Rápida flecha em direitura à meta,  
Ei-la que abala, corre e se arremessa,  
Desaba sobre a presa e já lhe espeta,  
Lhe finca e crava as garras na cabeça.

Depois, tinta de sangue e olhos em brasa,  
Erguia a presa, desfraldando a asa,  
la pousá-la sobre as altas penhas;  
E, ébria duma divina crueldade,  
Atirava o seu canto à Imensidade  
Do cimo das montanhas.

#### **CANTO V: O CANTO DAS ÁGUIAS**

“A vida dos heróis  
Faz-nos luzir os olhos coruscantes  
Com a firmeza rude dos diamantes  
E o brilho ardente e fúlgido dos sóis.”

“Nós fitamos o Sol sem que os seus raios  
Ceguem, fulminem mais que o nosso olhar...  
Nunca temos vertigens, nem desmaios,  
Abrindo a nossa asa resoluta  
Pelas regiões altíssimas do ar,  
Ou quando o sangue corre em plena luta!”

“Astros ardendo no zênite,  
Tal como o abismo, o Céu, o livre espaço,  
Nossos desejos nunca tem limite;  
Desprezamos a órbita traçada:  
Aí — o ar mais livre é-nos escasso  
E a trégua por mais doce é-nos pesada!  
E a cada passo  
Desejos mais profundos  
Erguem-se em nós gritantes d'ansiedade,  
Consumindo na chama novos mundos,  
Indo até onde vai a Tempestade!”

“Que tumultuoso e arrebatado anseio!...  
Em nós toda a vontade satisfeita  
Tem um sabor amargo...  
Trazemos a rugir dentro do seio  
Duma contínua fúria insatisfeita  
O coração raivoso do Mar largo!”

“Se a fome e a sede toda se levanta,  
A onda dos desejos nos inunda  
Em haustos tão aflitos,  
Que vem do coração para a garganta,  
E é tão profunda  
Que nos sufoca os gritos!”

“É tanta, é tanta, que não cabe em nós,  
E dentro do mar íntimo, disperso  
Cada onda emotiva ganha voz  
E anseia a Vida plena do Universo.”

“Para além, para além...  
Ó cumes solitários,  
Somos as vossas sentinelas,  
É este o nosso toque de clarim;  
Andamos pelo Azul como os corsários:  
Abrir as asas é soltar as velas  
Pelo Mar-fora, pelo Céu sem fim.”

“Para além, para além, fúria do imenso,  
Fogo que nos abrasas...!  
Raiam auroras de desejo intenso  
Vibram heróicas tubas de alegria  
Quando abrimos as asas  
Na luz do Sol, ao ar das ventania!”

“A guerra a guerra, a luta, a vida forte;  
Só ama a Vida quem despreza a Morte;  
Não ha desastre que o valor nos quebre;  
Em frente do mais válido inimigo  
Ou quando mais nos ameaça o perigo  
Sobe até ao delírio a nossa febre!”

“Soltai os halalis, clarins da glória;  
Voemos todas nas regiões empíreas

A busca do triunfo e da vitória,  
Como a coorte alada das Walkírias.”

“Para além, para além...! Só no mais alto cume  
A nossa carne, ébria de gozo,  
Encontra a neve e o frio  
Pra que se apague mais o eterno lume  
Que nos devora o coração sequioso,  
Como as searas no estio.”

“Ciclones, tempestades, furacões  
Quando cingis no vosso largo açoite  
As trêmulas florestas pela noite,  
E quando vão os lívidos clarões

“Apunhalar o coração da Treva,  
Logo a purpúrea chama  
Da vida ardente em nós se eleva,  
E num incêndio súbito ateado  
Valor, nobreza, audácia, intrepidez,  
Tudo que ha de profundo em nós se inflama  
E deixa o peito imenso dilatado  
De fúria, de loucura e de embriaguez!”

“Para além, para além!... Ó cumes d'altos montes  
Estais abrindo os largos horizontes  
Aos nossos valorosos corações!  
Quando a Noite no Céu mais se condensa,  
Sobe de fúria a nossa vida intensa  
E vamos-lhe arrancar constelações!”

“Quando a alma dos fracos desfalece,  
Porque anda a Tempestade pelo Empíreo,

Como o corcel da Morte a toda a brida,  
Dá-nos o raio o fogo do delírio,  
E só em nosso peito resplandece  
O facho ardente e trêmulo da Vida!”

## **CANTO VI: A TEMPESTADE**

Cai fogo e cinza. O Céu é turvo e baço;  
Veste esse manto imenso um deus oculto,

Que dança e rodopia sobre o espaço;

Agora num alígero tumulto,  
Logo em ondulações vertiginosas,  
Ora cingindo o véu desenha o vulto,

Relâmpagos de formas vaporosas,  
Que brilham para logo se apagar  
Na primeira espiral das nebulosas.

O célere, invisível voltear  
Dos pés divinos tão de leve pisa  
Aflora, palpa, acaricia o ar,

Como uma pluma que levanta a brisa;  
E, apesar disso, oprime e esmaga o Mundo,  
Que um silêncio de chumbo imobiliza  
Num meditar extático e profundo.

O taciturno espírito dos montes,  
O indizível espectro que delira  
E enche de seu delírio os horizontes,

Aos mais fundos abismos se retira;  
Agora pára, espera, escuta a medo  
E de tão quieto e mudo nem respira.

De longe, cada tácito arvoredado  
Na inércia teatral das verdes comas,  
Lembra a mulher de Ló, ígneo rochedo,  
A predizer o incêndio das Sodomas.

O bailado divino já vem perto  
E o vulto velozmente arrebatado  
Mostra-se às vezes quase a descoberto;

O Mundo, como um peito sufocado,  
Em afitivas convulsões d'horror,  
Respira o ar quase petrificado.

Mas pouco a pouco um gélido terror  
Esfria o Céu, transtorna a face à Terra,  
Perturba-lhe a feição, muda-lhe a cor,

E, como alguém que um pesadelo aterra,  
Ou louco, ou visionário, ou epilético,  
Assim árvore, nuvem, alta serra

Tem o semblante lívido e patético,  
Como se nas mais hórridas posturas  
Tudo caísse em sono cataléptico

Num hospital imenso de loucuras.  
Enquanto os brutos animais ferozes,  
Buscam de medo as negras espessuras,

Os alciões, gaivotas, e albatrozes,  
— As aladas sibilas da tormenta,  
Soltam no Mar as agourentas vozes;

E numa estranha exaltação violenta,  
Que as ergue, as arrebatada, as precipita,  
A pouco e pouco a sua voz aumenta

Em furiosa, alucinada grita,  
Tão cheia de visões e de presságios,  
Como se fora a revoada aflita  
Dos derradeiros gritos nos naufrágios.

Anjos anunciadores,  
Espíritos alados e videntes,  
Messias, Visionários, Percussores,

Ei-los que passam lívidos, trementes,  
Pisando toda a Terra a largos passos  
E deixando no pó rastos ardentes;

Ei-los abrindo à frente outros espaços,  
Com a fúria do Mar, quando iracundo,  
Rebenta os diques todos em pedaços;

Ei-los mais longe, além, ao largo, ao fundo...  
Envoltos já nas brumas do mistério,  
Erguendo em peso, arrebatando o Mundo;

E logo cheios dum esforço etéreo  
Aceleraram-lhe o giro até lhe dar

O primitivo resplendor sidério.

Ei-los que pairam, voam a cantar  
Coa voz alucinada dos Profetas,  
Tão forte que o seu eco é secular;

Ou dando vida e fala às formas quietas  
E erguendo-se às visões originárias  
No inspirado delírio dos Poetas.

Ei-los: seguem as vias solitárias...  
Já lhes desponta a luz do Dia eterno  
Sobre as divinas frentes visionárias,

'Spalha-se à roda o seu clarão interno  
E assim iluminados, como Dante  
Vão a todos os círculos do Inferno  
Mostrar o Paraíso inda distante.

Ha quanto, ha quanto tempo que os heróis  
De noite afiam gládios e punhais,  
Laminas d' aço a rir, bélicos sóis;

Lobos famintos, fúrias, canibais  
Mais doidos, mais raivosos, mais cruéis,  
Rangem de fome os dentes, uivam mais.

Já, sobre o peito os rígidos broqueis,  
A custo doma a hoste mais altiva  
O piafar inquieto dos corcéis.

Ha quanto, um mar de raiva corrosiva,  
Ruge e encastela as ululantes vagas  
E quase atinge agora a maré viva.

Dos peitos retalhados por mil chagas  
Às bocas más de risos instantâneos  
Afluem maldições, gritos e pragas.

Ao calor tropical da febre, os crânios  
Erguem no escuro a selva das visões;  
Escancaram-se ocultos subterrâneos;

E os Quasimodos, cheios de aleijões,

Desorbitando as lúcidas pupilas,  
Sacodem a rebate os carrilhões.

Então retumba o canto das Sibilas  
Num eco que de monte a monte vai:  
“A pé, a pé, heróis! cerrai as filas,

Erguei os braços válidos, cantai!  
Abri vosso estandarte ao vento forte,  
Agora avante, à frente, eia, abalai...!  
Á Luta, à Guerra, à Tempestade, à Morte.

De súbito, deitando fora o véu,  
No auge do bailante rodopio,  
O dançador divino larga o Céu.

Que nunca vista graça e novo brio  
Lhe faz pairar, correr, zunir a prumo  
O tempestuoso corpo fugidio!

É ela a Tempestade...! Ergue-se um fumo  
De cúmulos, o pó que se alevanta  
Á roda, à frente, a indicar-lhe o rumo...

É ela a Tempestade...! Baila e canta!  
E todo o Mundo, à sua vista e voz,  
Acorda de repente e se levanta;

E em febre, amor, delírio ou medo atroz,  
Formando a mais demente multidão,  
Tudo vem vê-la em seu girar veloz.

Das espirais do aéreo turbilhão  
Já se entrevê a rápida figura,  
Feita de vento, fogo e exaltação.

Matéria que o delírio transfigura  
Seu corpo agora é todo espiritual,  
Plásmica labareda, Essência pura.

Tão alta se nos mostra que afinal,  
Posto que o vulto enorme esteja perto,  
E quase a arrebatá-nos na espiral,

Nosso aturdido olhar não sabe ao certo,  
Se alguma parte, membro ou forma etérea  
Ficará coas estrelas encoberto.

Figura anímica, espectral, aérea,  
Que os olhos d'alma só podem fitar,  
E nunca os olhos baços da Matéria;

Éter divino, que penetra o ar,  
Hálito, fluido, emanção divina,  
Assim domina a Terra, o Céu e o Mar;

Carne de fogo, e fogo de neblina,  
Olhos só de relâmpago e clarão  
E olhar que mais comove, que ilumina...;

Pé, que de mal pisar é furacão,  
Braço, como o de Júpiter tonante,  
Ígneo feixe de raios traz na mão;

Voz, de que ouvimos só o eco distante,  
E apesar disso todo o Mundo abala  
Num trovejar contínuo e retumbante;

E olhai a flor que o seu cabelo engala —  
Rosa dos Ventos, rosa de delírio,  
Que um perfume de espanto e Dor exala,

Rosa de assolação e de Martírio  
Cujas pétalas são de tal altura,  
Que abraçam e penetram todo o Empíreo...!

Oh! que sublime e trágica figura,  
Que faz horror, sendo a divina Graça,  
E espalha a treva, quando mais fulgura!

Ai! que horrível deserto onde ela passa,  
Onde só paira agora o fumo denso  
Da Morte, da Miséria e da Desgraça...!

É que onde toca o seu bailado imenso,  
Tudo ela arranca e de seguida arrasta,

Em seu aéreo turbilhão, suspenso...;

Nem mil cidades que o tufão devasta,  
Nem Mar e Terra, súbito varrida...  
Incêndios, Morte, horror... nada lhe basta;

Acossa, estuga a lívida corrida,  
Té que a rocha tenaz se faz em pó,  
E o pó corcel de fogo a toda a brida.

E a cada volta da terrível mó,  
A cada rego do medonho arado,  
A cada novo espanto e novo dó;

A cada novo círculo enroscado,  
Que os olhos quase arranca de fita-lo  
E empolga o pensamento arrebatado;

A cada novo embate e novo abalo  
Daquela formidável catapulta,  
Que o mesmo sangue gela de escutá-lo,

Mais o delírio do bailado avulta,  
Mais a espiral se alarga e rodopia  
E mais o alegre deus bailando exulta.

E, no auge da frenética alegria,  
Ébrio de Graça e de sublime Encanto,  
Em si mesmo se afunda e se extasia,  
Até que entoa este divino canto:

“Cósmico e primitivo Turbilhão,  
Sou quem fecunda o Caos, dando origem  
A toda a Criação.”

“Mundos, formas e vidas se dirigem  
A meu seio, palpando a escuridade,  
Cegos pela vertigem.”

“E Nebulosa, Gênio ou Tempestade,  
Minha espiral fecundadora ondeia  
E enrosca a Imensidade;”

“Voa, delira, zune, arde e volteia  
E átomos, mundos, almas, leis supremas  
Meu atrito incendeia,”

“Para depois nas contorções extremas  
Lançar ao seio livre do Universo  
Os Astros e os Poemas.”

“O Universo é um grande Mar disperso,  
Cheio de redemoinhos menos fundos  
Em meu vórtice imerso;”

“Abismos, Céus e pélagos profundos,  
Onde o meu torvelinho vai gerando  
O equilíbrio dos Mundos.”

“Tudo quanto ao redor vou devastando,  
Mais em meu seio lúcido concentro  
E vou purificando;”

“Exalto, elevo, arrasto para dentro  
Até que a Alma universal consiga,  
Pois trago Deus no centro.”

“Cósmica força, hereditária, antiga,  
Eu sou aquele forte e eterno laço,  
Que a Deus o Mundo liga!”

“Vinde a mim, vinde a mim por todo o Espaço  
E atirai-vos de todo o coração  
Ao meu fecundo abraço!”

“A mim, ao Fogo, à Vida, ao Turbilhão!  
Só morre quem tem medo à própria Vida;  
Nunca o que expira a arder de exaltação  
E esperança desmedida.”

Canto VII: A morte da águia  
Mal a Águia divina ouviu o canto,  
Que unia a Morte à Vida e que do Empíreo  
Nos infinitos vales reboava,  
Ergueram-se-lhe as asas por encanto,  
Porque a espiral de fogo e de delírio

Para o seio da Luz a arrebatava.

Sentiu correr-lhe o sangue de roldão,  
Como se cada artéria fosse o leito  
Dum rio caudaloso;  
E o largo, intumescido coração  
Batia-lhe de encontro ao forte peito,  
Como na costa dura o Mar iroso.

Bateu as asas como um largo açoite  
A fustigar ainda a Tempestade  
Para que o Turbilhão fosse mais forte;  
E ao afundar-se nessa imensa Noite  
Sentiu, último dom da divindade,  
A alegria da Morte.

Alegria da Morte! A derradeira  
Dos que numa agonia dolorida  
Fitam os olhos num país sidério,  
A última alegria e a primeira  
Dos que ao despedaçar a própria Vida  
Despedaçam as portas do Mistério.

Alegria da Morte! a mais ardente  
De todos quantos buscam a Verdade,  
De todos os que morrem por amar:  
Dos que olham o Destino tão de frente,  
Que pondo a vida toda na vontade,  
Obrigam-no a parar!

Alegria do Sol em pleno ocaso,  
Que ao cair para o Mar,  
Ao esconder-se na serra,

Sabe que dentro de bem curto prazo  
De novo há de raiar  
E aquecer toda a Terra!

Outro Mazeppa no corcel em fuga,  
Buscando a glória na miséria extrema  
Numa carreira alada e desabrida,  
Que a noite, as feras e o pavor estuga,  
Pois não ha sombra que o corcel não tema,  
Nem faça correr mais a toda a brida,

Assim a Águia voa arrebatada,  
Assim devora abismos de repente  
E como sombra lívida perpassa,  
Até que no mais alto da abalada  
Um raio fulge, abrindo um sulco ardente  
E em pleno Turbilhão a despedaça.

O coração da Águia foi queimado,  
Fez-se um clarão da mais divina esperança,  
Que espalhando-se em toda a imensidade  
Foi abraçar o Céu de lado a lado  
Num arco-íris, o arco da Aliança,  
Que alumia depois da Tempestade.

Os Lázarus do sonho irrealizado,  
Os que morrem à míngua de ventura  
E nunca ouviram cantos de vitória,  
Acordam vendo o Céu iluminado,  
Sentem abrir-se a antiga sepultura  
E surgem de repente em plena glória.

Aleluia! Aleluia! grita o Mundo  
E logo a Terra atira das entranhas  
Tesouros mil sepultos;  
Enquanto do profundo,  
Do recôndito seio das montanhas  
Correm à luz os mananciais ocultos.

Das esquecidas mas leais sementes  
No regaço amantíssimo dos montes  
Uma Floresta triunfal se eleva;

Ha flor's mais rescendentes,  
Nascem mais vivas e abundantes fontes  
E os astros incendeiam mais a Treva!

*S. João do Campo, setembro de 1908 e setembro e outubro de 1909*